

Centro de Estudos Bahianos

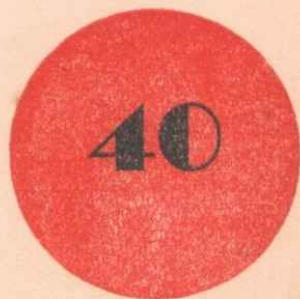
AFFONSO DE E. TAUNAY

Um Sueco na Cidade do Salvador (1756)



PUBLICAÇÃO
SALVADOR-BAHIA

15 DE MAIO DE 1960



UM SUECO NA CIDADE DO SALVADOR (1756)

Affonso de E. Taunay

A cidade do Salvador, e a 12 de agosto de 1756, chegou o sueco Johan Brelín, cuja narrativa de viagem recentemente publicou o Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo, na Suécia, sob o título: **De Passagem Pelo Brasil e Portugal**. Traduziu tal narrativa o Cônsul português, Sr. Carlos Pericão de Almeida, que servia naquela cidade escandinava. A sua tradução acompanhavam assaz fartos comentários devidos ao Dr. Nils Hedberg.

Já me ocupei das aventuras e desventuras de João Brelín resumindo o excelente e interessante artigo do diplomata lusitano.

Parece-me que jamais se viu no rol dos autores figurantes em nossa xenobibliografia o nome dêste João Brelín, cujos originaes caíram nas mãos do erudito Dr. Nils Hedberg, distinto conselheiro do **Handelshogskolan** ou **Escola de Altos Estudos Mercantis**, faculdade anexa à Universidade de Gotemburgo. Atrevo-me a assim traduzir o nome de tal instituto, de assonância tão diversa dos nossos vocábulos latinos, valendo-me das migalhas dos meus conhecimentos do alemão; parece-me que o **handel** sueco com o seu tão notável feitiço teuto deve ser em língua sueca o mesmo que **handel** (comércio) de suas fronteiras de além Báltico. O **hog** por associação de idéias deve ter o mesmo significado que o **hok** (alto) alemão. Quanto ao **skolan** não há motivos para perdermos tempo com o seu significado no nosso vernáculo. Segundo o relatório do Dr. Hedberg o Instituto Ibero-Americano Gotemburgiano tem

trabalhado muito fortemente em favor da aproximação dos meios culturais escandinavos com os hispano-luso-americanos.

No que diz respeito a nós outros brasileiros conta-nos o Dr. Hedberg que o seu Instituto mantém curso da "ditosa língua bem amada" se me é permitida uma paráfrase cômoda, cursos que de 1949 a 1951 estiveram a cargo da brasileira Sta. Isabel do Rêgo Rangel na qualidade de assistente do Dr. Eikström, catedrático de língua portuguesa e do curso de cultura geral luso-brasileira a quem também coadjuva o Sr. Arno Lundgren, professor recentemente nomeado. Em regra geral, informa o relatório do Dr. Hedberg, preferem os estudantes suecos o espanhol, que lhes parece língua mais fácil do que a nossa. Isto também, é muito pelo fato de existirem bastantes mais nações de **habla** do que de **fala**. Mas é freqüente que os estudantes de Gotemburgo completem o estudo do espanhol com o do português. Já na cidade universitária se realizaram exposições ibero-suecas e cogita-se de promover cousa igual luso-brasilio-escandinava.

Cogita-se da publicação de algumas obras pelo Instituto Ibero-Americano-Escandinavo, graças ao generoso apôio da grande indústria gotemburguesa da S.K.F., a que acompanha mundial renome, como ninguém ignora.

No projeto de tais edições figura uma dúzia de publicações em espanhol e meia em português, obras a serem impressas em Lisboa. Já em 1951 imprimiu o Instituto uma antologia sueca organizada pelo nosso ilustre colega da Academia Brasileira, Sr. Ribeiro Couto.

Dentro de tão louvável plano de aproximação do nosso Brasil com uma das mais cultas e justamente admiradas nações do Universo acaba, recentemente, de sair dos prelos da Casa Portuguesa de Lisboa um volume de centena e meia de páginas (135 mm x 215 mm) intitulado **De Passagem Pelo Brasil e Portugal em 1756**, da lavra do viajante sueco Johan Brelín, a cujo original verteu para o nosso vernáculo o cônsul português, Sr. Carlos Pericão d'Almeida, como acima se disse. A introdução antecede uma Introdução e Comentário de autoria do Dr. Nils Hedberg. Começa o prefaciador declarando que o depoimento de Brelín não constitui documento a que acampanha notável interesse. É bem mais interessante a portugueses do que a brasileiros, porque encerra recordações de ordem pessoal relativas à catástrofe sísmica do dia de Todos os Santos em 1755, o tremendo terremoto de Lisboa, arrasador, como todos sabem, da capital dos Reinos e Senhorios do Sr. Dom

José, primeiro do nome, ou melhor, talvez, mais próximamente à verdade, da capital dos reinos e senhorios de Sebastião José de Carvalho e Melo, ainda não marquês, com o seu poderio supremo.

Há no relato de Brelín interessante circunstância; a de vir a ser a primeira descrição sueca de uma viagem a terra firme brasileira. A tal propósito escreve o Dr. Hedberg eruditas considerações que bem lhe revelam o conhecimento da xenobibliografia lusó-escandinava. Tratando da pessoa de Johan Brelín, declara que a sua biografia é sobremodo obscura. Não se sabe como, quando e porque se alistou nos quadros da Companhia Sueca das Índias Orientais. Assim também se ignora como e porque foi parar, abandonado, na desértica ilha da Ascensão, em pleno Atlântico. Ali o tinham recolhido uns navegantes franceses seus transportadores ao Brasil, onde o havia indigitado como naufrago francês. Da Bahia tivera de navegar para Esióba "desempenhando o suposto papel de agitador político ou criminoso internacional em missão clandestina ou de duvidoso significado" (sic).

Diz o Dr. Hedberg que Brelín se revela notavelmente lusófobo em seu livro de recordações de viagem. Dos portugueses não perde ocasião alguma para a seu respeito fazer observações malévolas senão ferinas, ao passo que se revela muito afeiçoado a companhia dos franceses. Conta-nos o Dr. Hedberg, ainda, que o livro do abandonado da Ascensão, é por assim dizer desconhecido do público sueco. No entanto tal ignorância é imerecida, pelo menos quanto ao que diz respeito às suas páginas chinesas, relativas a Cantão e suas vizinhanças. A parte brasileira vai apenas de págs. 89 a 117 "distribuídas por capítulos tratando freqüentemente de assuntos sensaborões, e de pessoas desinteressantes", e sobretudo de suas "múltiplas e pesadas canseiras".

Ao publicar em 1758 o seu volume, conseguiu Brelín, por parte do seu jornalismo pátrio o que os franceses intitulam *une bonne presse*. O prestigioso *Swenska Mercurius*, por exemplo, gabou muito o volume que merecera as honras da impressão em Upsala pela Real Imprensa Acadêmica. Pensa o Dr. Hedberg, muito acertadamente, ao meu ver, que o bom êxito se deveu muito ao depoimento nêle incluso sobre o terremoto de Lisboa que tamanha impressão causara em toda a Europa.

Passemos, porém, a examinar o que acêrca da Bahia de 1756 disse o desterrado da Ilha da Ascensão. Abandonado pelos

seus compatriotas da "Princesa Sofia Albertina", o navio comandado pelo Capitão Carlos Gustavo Lehman, teve Brelín, como atrás se contou, a extraordinária sorte de ser recolhido pela maruja de uma tartana francesa que por aquelas águas do Atlântico central cruzava, e cujo comandante se chamava La Chapelle, segundo informa o quase novo Robinson Crusô da Ascensão.

Conta-nos que a 12 de agosto de 1756 ancoraram os seus salvadores "um pouco fora do fundeadouro da principal cidade portuguesa da América do Sul, chamada **Sanct Salvador**". Muito pouco cordial veio a ser o acolhimento feito aos franceses, recém-vindos, malgrado serem eles súditos de um monarca aliado do soberano português.

"Por pouco deixamos de ser considerados piratas ou espiões". Foi a tartana forçada a deitar ferro sob a artilharia da fortaleza de São Paulo, e seus oficiais receberam voz de prisão malgrado haverem exibido comprovantes de que eram súditos do Rei Luís XV. E o nosso Brelín, viu-se obrigado a passar por francês, tendo de sujeitar-se ao mesmo tratamento. Mais tarde foram o capitão e sua oficialidade levados à presença do Vice-Rei do Brasil o sétimo da série, encetada, em 1640, por Dom Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão; série, aliás, como se sabe, cheia de largas lacunas, pois o segundo Vice-Rei, o Conde de Óbidos, se empossara em 1663; o terceiro, o marquês de Angeja, em 1714; o quinto, o Conde de Sabugosa, em 1720; o quinto, o Conde das Galveias, em 1735; o sexto o Conde de Atouguia, em 1748.

Entre um e outro destes representantes imediatos da Majestade Fidelíssima então reinante e os reis seus antepassados, a partir de Dom João IV, entremearam-se governadores-gerais e juntas governativas da Colônia, como todos sabemos.

O Vice-Rei que a Brelín interrogou era o sexto Conde dos Arcos, Dom Marcos de Noronha, Vice-Rei do Brasil de 1754 a 1760, "homem curioso e cauteloso", segundo o que afirma o sueco.

"Inquiriu-nos sobre a nossa viagem e missão e a seguir nos mandou ficar detidos, durante oito dias, espalhados em diversos pontos da cidade. Ao completar-se o oitavário, fomos várias vezes levados à presença de Sua Excelência e submetidos a novos e minudentes interrogatórios acerca dos fins de nossa viagem e aportada à Bahia."

Era, o homem, sobremodo suspicaz. ... Explicavam os franceses que a sua tartana fôra mandada cruzar nas águas entre as ilhas de Santa Helena e da Ascensão, à espera de navios de sua bandeira que acaso viessem de volta da Índia Francesa à Europa a fim de os avisar do estado de guerra que irrompera entre a França, aliada à Áustria, Rússia e Suécia, de um lado, e a Inglaterra, aliada à Prússia de Frederico II e à Saxônia, de outro. Estalara a conflagração à qual se deu o nome da Guerra da Pompadour, conflagração européia em que se vira a famosa e casta Antonieta Poisson, arvorada pelo real amante em marquesa, aliada a Maria Teresa d'Áustria; a guerra catastrófica dos Sete Anos tão nefasta à França regida por aquêle paradigma da preguiça, do egoísmo, da indiferença inconsciente que foi o décimo-quinto Luís.

"Acêrca de nossa missão, escreve Brelín, nenhuma nação tivera a mínima notícia." E tal mistério tornava-se indispensável naqueles milésimos sinistros em que, como nota L. Grégoire, "a recordação única, dominante, daquele heptênio de guerra é a da derrota completa da França, em todos os mares, no Canadá, nas Índias, a perder exércitos e esquadras, a reputação militar, além de rios de dinheiro".

A vista das notícias relativas à situação internacional européia, resolveu o Comandante La Chapelle dar como santo e senha aos seus comandados e, portanto, também, ao seu protegido sueco, João Brelín, o abandonado recolhido na Ilha da Ascensão, a ordem para que todos dissessem que a sua embarcação fôra forçada a arribar à Bahia a fim de conseguir a substituição de um mastro que se tornara imprestável e, ao mesmo tempo, submeter o seu barco a outros consertos urgentes.

Parece que o Vice-Rei Conde dos Arcos, homem sobremodo curioso e suspicaz, levou vários dias entregue a intensa desconfiança que o empolgava acêrca dos recém-vindos franceses.

Explica Brelín: "Finalmente fomos soltos, se bem que sob a exigência, de todo, não nos metermos a comerciar e só irmos a terra, quer para dentro quer para fora da cidade quando acompanhados de guardas. Outra exigência: de nos fazermos ao largo logo que tivéssemos o novo mastro."

Adverte o Vice-Rei formalmente, aos recém-vindos que tratassem de obedecer estritamente às suas ordens, sob pena de perderem a sua embarcação confiscada além de serem considerados indignos da graça e benevolência das autoridades régias baianas. Do gôlfo baiano, diz o sueco ter capacidade para

receber, satisfatoriamente, a ancoragem simultânea, de mil e duzentas senão mil e quatrocentas **naus**. Do topônimo da tão imponente obra proviera à terra, sua marginal, o nome que os portugueses lhe davam. Consideravam aquela região a melhor província do Brasil.

"A principal cidade desta costa, explica o escandinavo, chamam os portugueses São Salvador. É ela conhecida dos mareantes pelo mesmo nome que a do seu golfo a saber Bahia de Todos os Santos. Amontoava-se a cidade baiana sobre diversas e íngremes elevações, o que lhe dava grandioso e agradável aspecto. Sobretudo porque às casas se entremeavam belos pomares. Mostravam-se as ruas baianas desagradáveis ao trânsito pela irregularidade do traçado, e em alguns pontos apresentavam-se de difícil vencimento, obrigando os pedestres a se valerem de escadarias longas e íngremes. Habitava o governador, aliás o Vice-Rei do Brasil o palácio **Sant'Antônio**, alcandorado numa elevação quase no centro da cidade. Não era demasiado grande, mas bem construído a achava-se magnificamente mobiliado. Construíra-se tal casarão à moda espanhola com janelas de balcão cercadas de ornamentos de madeira. O fato de existirem tais batentes entalhados provinha de circunstância de que no Brasil era o vidro muito caro. Só aparecia nas mais nobres casas ou nas magníficas igrejas e Conventos.

Ficou o nosso luterano assombrado com o número de templos e cenóbios da capital brasileira.

"Contam-se nesta cidade mais de cento e trinta igrejas e cento e oitenta e seis conventos, tão abundantes em ouro e prata que se existissem semelhantes igrejas na Europa, onde o ouro é mais caro, seria apontadas como grandes maravilhas."

Também convinha recordar que na Bahia se localizava o verdadeiro Eldorado. "É o Brasil assaz abundante em ouro, prata (**sic**) e pedras preciosas geralmente enviadas à Bahia, das províncias desta limitrofes, de modo que os portugueses, em geral, enfeitam-se, por pouco dinheiro, com objetos a que, entre nós, grande valor se atribui."

Tal a profusão de jóias preciosas que a população baiana parecia êmula do Rei Midas quando agraciado por Baco e antes do seu famoso banho no Pactolo. "Difícilmente aqui se encontrará o mais humilde mortal, até mesmo entre a multidão de negros, sentados nas ruas, a vender frutas, que não se

enfeite com fivelas, pulseiras, anéis e botões de ouro fino, joias estas que na maioria dos casos apresentam incrustações de pedras preciosas."

Entendeu Brelín ministrar aos seus leitores alguns informes acêrca do Brasil e seus aborígenes. Abrangia o Vice-Reino português grande área da América do Sul, e fôra pelos portugueses descoberto quando uma de suas caravelas desgarrada da rota das Índias Orientais, por violenta tempestade, fôra lançada à costa basileira. O nome da região proviera-lhe do excelente e abundante *Brasiliae tradet*. Haviam-se os portugueses apossado de todo o fértil litoral que do lado de oeste se entendia até o Mar Etíope (*sic*). Queria, acaso, o nosso Brelín inculcar que o Brasil também teria costas africanas?

No seu tempo, aliás, era o Oceano Pacífico universalmente conhecido por Mar do Sul. O Mar Etíope do nosso viajante seria, provavelmente, o próprio Atlântico pelo fato de banhar enormes regiões povoadas por gente preta.

Falando dos nossos aborígenes, conta Brelín que viviam do modo mais selvático e no meio de florestas. E afirmava-se que, antropófagos, desconheciam qualquer religião; valendo-se de vocabulário do qual estava ausente a palavra *Deus*. A alma, contudo, consideravam imortal. Vivendo em pequenas malocas, sob grandes árvores, tinham, como leitos, tapetes de fibras. Alimentavam-se de mandioca e da caça frechada. Se um cristão lhes caísse às mãos era logo esquartejado e devorado. Igualmente se entredevoravam. Baixos, atarracados, de cabeça grande e chata, cabelo negro e epiderme vermelha côr de cobre, com os olhos bastante acima da testa, nariz chato e largo, grande boca e lábios pendentes, orelhas grandes, vinham a ser, portanto, muito feios. Andavam sempre nus, cobrindo, contudo, as partes pudendas com fôlhas ou cascas de caramujos amarrados à cintura por meio de tiras fibrosas.

As mulheres, menores do que os homens, gordas, atarracadas, tinham tão compridos seios que os podiam lançar por sobre os ombros ao amamentarem os filhos a quem às costas transportavam em rêdes. Viviam completamente escravizadas aos homens, aliás polígamos. Eram quem lhes preparava a comida e viviam sujeitas ao repúdio pelos amásios a quem assistiam, até o pleno direito de as trucidar.

Essas "preciosas" notas etnográficas obteve-as Brelín ao examinar dois exemplares "desta espécie de gente".

Curioso é que os tais exemplares viviam, afirma o nosso aventureiro no palácio do Vice-Rei. E, mais curioso ainda, metidos em jaulas de ferro, à espera de serem remetidos de viagem para a Europa!

Lindo, achou o sueco o Brasil. "A costa é tão agradável e encantadora que dificilmente se pode descrever. É necessário reconhecer que esta pequena (*sic!*) Província deve ter sido criada pela Natureza para o apóio e como que para servir de cofre do grande Reino que presentemente é Portugal. O país inteiro assemelha-se a um pomar plantado artisticamente. Além de conter inúmeras árvores frutíferas, alhures desconhecidas, nêle existem, até a saturação, árvores de pau-brasil grandes como os carvalhos nédios da Suécia."

Depois dessa referência à nossa famosa cesalpina faz o narrador tremenda salada botânica enumerando outras espécies vegetais típicas brasileiras: "o pau-de-pernambuco (pau-brasil? copaíba?), o pau-prêto (jacarandá?), o ananazeiro, o algodoeiro, a bananeira, o coqueiro, o cafézeiro, a laranjeira, além do precioso tabaco e da abundante cana-de-açúcar. Não ficassem esquecidas as ervas corantes, os frutos saborosos, especiarias verdes, (*sic*). Quanto aos cereais, poucos, ou nenhuns, existiam cultivados. Dêles se desinteressavam os portugueses, amigos da vida fácil e ociosa e avessos à agricultura. Por êste motivo era o pão caro, por vir a farinha da Europa. A falta de pão comia-se uma raiz que lembrava a batata. Fer-vida e sêca dava farinha grossa. Atribuíam-lhe o nome de **mandioca**, sendo servida à mesa desacompanhada de qualquer mólho.

"Verdadeira felicidade constituia, aliás, a circunstância de que ao Brasil possa ser outorgada a posse de tão grandes riquezas, porque se seus habitantes se vissem forçados a trabalhar, morreriam de fome! Sem o menor esforço podiam viver dos frutos silvestres (*sic!*) e ainda fornecer às demais nações do globo preciosas matérias-primas. E isto a trôco de enormes proventos, somas que os brasileiros despendiam a levarem vida opulenta e a se cobrirem de luxuosos vestuários."

Após êstes amáveis conceitos prossegue Brelín:

Passava a Bahia por ser a mais rica das possessões portuguesas. Dela, anualmente, zarpava uma frota de trinta senão de quarenta grandes naus em direitura à Lisboa, transportando carga avaliada em muitos milhões e constituída, principalmente, por ouro e prata(*sic*)!, diamantes, jaspe, cristais, âmbar,

cacau, bálsamo, algodão, fumo, pau-brasil, pau-de-pernambuco (provavelmente jacarandá ou copaiba) macacos, papagaios, couros e peles, artigos êstes vendidos para diversos pontos da Europa. Partia a frota, geralmente, em setembro, entrando no Tejo em fins de novembro. Era de esperar que a capital brasileira, rica, muito rica, como vinha a ser, se achasse bem fortificada. E com efeito à cidade e à entrada da barra defendiam diversas fortalezas indevassáveis aos estrangeiros a quem aliás, espreitavam sempre as autoridades locais. Nós que vivíamos sob vigilância, ainda mais severa do que a habitual, tínhamos muito menos possibilidade, de nos informarmos." Assim não se achava êle, Brelín, em condições de narrar mais particularidades locais.

O que de mais interessante há na narrativa do aventureiro vêm a ser as observações sobre os costumes dos baianos com quem conviveu, aliás, por bem curto prazo. "Vivem geralmente os habitantes desta terra bastante opulentos e inteiramente despreocupados do futuro. Passam a maior parte do tempo, a jogar e beber, esquivando-se a tudo quanto seja trabalho, e servidos pelos seus escravos, trazidos da Guiné."

A classe mais afortunada da cidade era, como de esperar, a dos comerciantes, entre os quais muitos existiam incapazes de avaliar o que possuímos. Referindo-se ao belo-sexo baiano comenta o sueco: "As damas que aqui há, vivem mais do que em qualquer outro lugar de Portugal, submetidas ao severo jugo de homens sobremodo ciumentos. Raramente se vêem às janelas. E nunca nas ruas, a não ser quando transportadas em cadeirinhas fechadas."

Queixa-se Brelín de que êle e os companheiros franceses, estiveram constantemente vigiado por guardas subalternos. Assim não haviam conseguido contemplar senão muito pouco os rostos das representantes do belo-sexo local. Mas apesar de todo êste cerberismo, vigilantíssimo, achava-se êle Brelín, em condições de assegurar que as portuguesas da Bahia mostravam-se de "inigualável beleza e encantos". E sutilíssimas em matéria de jeitosas manobras.

"Sabem muito bem comportar-se perante os estranhos em relação aos quais mostram grande aprêço, o que procuram manifestar ao mesmo tempo que revelam saber valer-se dos meios mais adequados para alcançar os seus objetivos." Quer-me parecer que nestas frases do aventureiro escandinavo haja enorme dose de basófia e gabolice.



Muito elegantemente ataviadas se apresentavam as baianas de 1756. Terminando o relato consagra Brelin assaz considerável trecho revelador dos seus pendores, senão de costureiro-amador, pelo menos de homem amante de modas. Assim, conta em depoimento que talvez seja dos mais antigos no gênero em nossos Brasis: "Para afrontar o intenso e constante calor vestem-se as damas muito levemente mas de maneira graciosa. Só usam uma saia delgada. As restantes peças do vestuário são de linho fino com mangas largas e compridas, ao mesmo tempo que bastante decotadas, à volta do pescoço de forma a deixar descoberta a metade do seio. Para prenderem o vestido de linho aos seios trazem grandes e altas abotoaduras de ouro. Ao pescoço usam colares de ouro, grandes, assim como às orelhas penduram grandes brincos. Consistem-lhes o penteado em bem trançado cabelo a que entremeiam belos bouquets de flôres." Como vemos, pelo depoimento de mestre João Brelin eram as baianas de 1756 verdadeiras faceironas.

Dezoito dias, apenas, permaneceu êle na capital brasileira. A 30 de agosto de 1756 largou a sua tartana rumo à França. A 5 de setembro estava em águas da "ilha de Santo Ferdinando, terra igualmente portuguesa" — tentativa esta canonizante de Fernando de Noronha, se acompanharmos o nosso escandinavo. A partir de 13 de outubro começaram-lhe os sobressaltos graça à presença próxima de dois corsários ingleses. Mandou o comandante La Chapelle imediatamente arvorar a bandeira portuguesa gesto a que os britânicos responderam com tiros de pólvora seca em sinal de advertência. O que então à tartana valeu veio a ser apanhar favorável vento e correr. Assim mesmo um dos navios ingleses, valendo-se de remos tanto se aproximou do barco francês que a tripulação d'êste pôde distinguir os berros de ameaça d'êles partidos. À tarde de 13 de outubro tornou-se inevitável a refrega. Dispunha a pobre tartana apenas de duas pequenas bôcas de fogo dreybaser de três libras e de quatro nickakers. Vendo-se forçado à peleja, ordenou o comandante La Chapelle que se arriasse a bandeira portuguesa, içando-se o pavilhão francês. Pôs-se a manobrar com grande perícia. Puseram-se os ingleses a bombardear o pequeno navio francês até o cair da noite. Tão perto d'êles chegaram que por três vezes tentaram abordá-lo. Foram estas tentativas reneadas malgrado serem os franceses apenas 21 e seus adversários eram 40 ou 50 em cada barco. Manobrou La Chapelle com admirável mestria, e o sueco observa: "Aquela altura vi quão pouco pôde fazer grande superioridade de gente a pêsode fogo contra as vantagens de uma embarcação ligeira obediência às manobras rápidas e eficientes de um bom comando."

No dia imediato conseguira a tartana abrigar-se sob a proteção dos canhões do forte de Cascais a que Brelín chama **Cascale**. Assim não tardou que remontasse o Têjo até Betlen (*sic*) a uma légua a jusante de Lisboa. Mau acolhimento esperava os franceses, cujo barco foi revistado a fundo pela alfândega portuguesa, supeitosa de contrabando. Recolhidos à cadeia, o comandante La Chapalle e seu imediato ali ficaram três semanas, até que o cônsul de sua nação conseguisse libertá-los. Desconfiavam os portugueses fôsem eles espiões do governo francês enviados à América Portuguesa. E, ao mesmo tempo, ensaiadores de um comércio do qual eram os súditos de D. José I os monopolizadores. Foi então, que Brelín pôde visitar as ruínas de Lisboa recém-arrasada pelo tremendo terremoto do ano anterior, visita essa que lhe motivou íntimo sentimento de compaixão.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDO BAHIANOS

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Prof.^a Anfrísia Santiago — **Esgotado.**
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil (Docs. de 1733) — Afonso Rui — **Esgotado**
- 3 — Um Discurso de Sílvio Romero — José Calasans — **Esgotado.**
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser — **Esgotado.**
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss — **Esgotado.**
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 8 — Um Depoimento Diplomático (Correspondência do cônsul americano da Bahia — 1821 — 1823) — Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 10 — O Processo dos Eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Afonso Rui — **Esgotado.**
- 12 — Um Documento Inédito sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva — **Esgotado.**
- 13 — Padroeiro da Cidade do Salvador — José Lima — **Esgotado.**
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans — **Esgotado.**
- 15 — Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um Diário Inédito da Bahia no Século 17 — O Galeão
- 17 — "Nossa Senhora do Populo" — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado.**
- 18 — Contribuição ao Estudo das Sesmarias — Waldemar Matos — **Esgotado.**
- 19 — Contribuição ao Estudo dos Morgados no Brasil — Cid Teixeira — **Esgotado.**

- 20 — O Forte que foi arrematado em Hasta Pública — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um Agitador Baiano : Cipriano José Barata — Afonso Rui.
- 22 — Contribuição ao Estudo do Ciclo das Festas Tradicionais — Antônio B. Príncipe — **Esgotado**.
- 23 — O Pregoeiro da República (Virgílio Clímaco Damázio) — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um Médico Francês — Arnold Wildberger — **Esgotado**.
- 25 — Crônicas da Bahia — Antônio Viana
- 26 — Esplendor e Agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) — Arquimedes Pereira Guimarães — **Esgotado**.
- 27 — Romanceiro Político Nacional — José Calasans — **Esgotado**.
- 28 — A Lenda de Sumé na Historiografia Bahiana — Alberto Silva — **Esgotado**
- 29 — O Engenheiro Jesuíta Stafford — Luiz Monteiro da Costa — **Esgotado**.
- 30 — Arte Brasileira (Bibliografia Comentada) — José Valadares — **Esgotado**.
- 31 — O Sítio do Arraial e da Sepultura de D. Marcos Teixeira — Monsor. Manuel de Aquino Barbosa.
- 32 — A Bahia nas Côrtes de Lisboa — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 33 — A Proclamação da República na Bahia — (Aspectos folclóricos) — Hildegardes Viana.
- 34 — Primórdios do Ensino da Química na Bahia — Arquimedes Pereira Guimarães.
- 35 — Festas populares da Bahia — Joaquim de Sousa Brito.
- 36 — Dois Caudilhos — Frederico Edelweiss.
- 37 — Curiosidade da Cidade do Salvador — George Abreu
- 38 — A Bahia nos Gabinetes Ministeriais da Monarquia — Deolindo Amorim.
- 39 — Lápides da igreja de Santa Teresa — Angela Maria A. Martins Viana.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral Dr Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto n. 9 — Bahia.

